

## JORNADA FRANCISCANA 2020 – HOMILIA (Mt 21,28-32 & Laudado Si’)

**A parábola dos dois filhos.** Quem efetivamente fez a vontade do pai: o filho que disse sim e não foi ou o que disse não e acabou indo? Com essa parábola, o evangelista reafirma o que já fora dito no Sermão da Montanha: não é aquele que diz Senhor, Senhor que entrará no Reino dos Céus, mas quem de fato fizer a vontade de Deus (Mt 7,21). Nessa parábola, o filho que disse “não” e acabou obedecendo ao pai, representa os pecadores reconhecidos pela má conduta que levavam, mas acabaram acolhendo o apelo de conversão feito por Jesus e mudaram efetivamente de vida; o filho que disse sim, mas nunca foi, camuflando com uma resposta positiva a sua desobediência ao pai, representa os grupos mais expressivos da religiosidade oficial de Israel com suas lideranças que, ostentando aparência de pessoas piedosas e zelosas das coisas de Deus, se opuseram ao anúncio do Evangelho feito por Jesus e nunca se converteram.

Justamente por ser dirigido às lideranças e aos piedosos fieis do judaísmo, este trecho do evangelho constitui uma crise para nós que estamos aqui hoje: será que somos suficientemente comprometidos com o Evangelho de Jesus Cristo, nos dispendo a acolher efetivamente as exigências que ele contém?; ou será que, com nossas práticas religiosas e debaixo de nossos hábitos ou paramentos, ocultamos atitudes de indiferença e menosprezo ao Evangelho que abraçamos como caminho de conversão e Fonte de Vida Nova?

Estamos aqui como Família Franciscana em data próxima à solenidade de nosso Seráfico Pai, modelo de vida evangélica, para refletirmos sobre a encíclica *Laudato Si’* (e seus frutos) que o Papa Francisco lançou, há cinco anos.

Como o próprio nome indica, a encíclica foi inspirada no “Cântico das Criaturas” composto por São Francisco de Assis. A profundíssima experiência da Paternidade de Deus Criador de todas as coisas levou São Francisco à incomparável experiência de fraternidade universal, expressa magistralmente no Cântico das Criaturas. Bebendo dessa fonte franciscana, o Papa elaborou os conceitos fundamentais da encíclica tais como: “Casa Comum”, “Tudo está interligado”, “Ecologia Integral”, “guardião da Criação”, “conversão ecológica”.

De fato, compartilhamos com todas as criaturas “a nossa irmã, a Mãe Terra, que nos sustenta e governa, produz frutos diversos, flores e ervas”. E, na natureza, **“tudo está interligado”** de forma tão indissociável que é um despropósito considerarmos o meio-ambiente como algo fora de nós, mera moldura da nossa vida, acessório substituível conforme nossa decisão. Não há reposição! A natureza é única! Nela estamos incluídos, dela fazemos parte e, como todas as espécies vivas, dependemos dela para sobreviver. (LS, 139).

Não há dúvida de que a raiz da crise ecológica que vivemos hoje é resultado direto da ação deletéria do ser humano que explorou a natureza até os limites extremos, colocando em risco a nossa sobrevivência e a sobrevivência de toda a criação. É igualmente resultado de ações desordenadas do ser humano a grande crise humanitária no mundo de hoje, com a pobreza extrema e a fome que atingem milhões de pessoas, a situação desesperadora dos imigrantes, dos sem-teto, dos sem-terra, o tráfico de pessoas, as guerras e outras formas de violência na cidade e no campo. Tudo isso clama por mudança, que não ocorrerá sem uma **ecologia integral** que abranja as dimensões ambiental, econômica e social.

Impõe-se, portanto, a necessidade de uma **conversão ecológica**. A inegável superioridade do ser humano em relação às criaturas o torna guardião de toda a Criação e, obviamente, o torna igualmente responsável pelo cuidado com os demais seres humanos.

Ouvimos, nas primeiras páginas da Bíblia, a pergunta do Criador: “Onde está teu irmão?” Uma ecologia autêntica inclui necessariamente o cuidado com a pessoa humana.

De novo, Francisco de Assis se faz nosso modelo. Foi no desafio de acolher o leproso, o outro que lhe causava nojo, que Francisco alcança a perfeita conversão a ponto de o amargo se lhe tornar doçura da alma e do corpo. Foi quando lhe surgiram os primeiros irmãos, que Francisco teve a certeza da forma de vida segundo o Evangelho revelada pelo próprio Altíssimo. Os irmãos são para Francisco um dom pelo qual o Senhor lhe confia uma missão, um estilo novo de vida que lhe trará muitos desafios. Porque, de fato, os irmãos e as irmãs não são nossa “aquisição”. Não são artigos para o nosso gosto e consumo. São doados, por isso não podemos escolhê-los, mas apenas acolhê-los e amá-los assim como são, com suas fraquezas e diferenças. Diferenças, às vezes, tão desafiadoras que, no final, só o Senhor poderá recompor.

O que emerge claramente em Francisco de Assis é que para ele a fraternidade não é uma ideia, uma teoria abstrata, mas um fato concreto, uma experiência que muda a vida. Mas a experiência da fraternidade como dom e lugar de conversão só é possível se reconhecermos e assumirmos a filiação comum do Pai celeste. Somos “todos irmãos”, porque somos todos filhos e filhas do mesmo Pai. Aqui está o núcleo da conversão de São Francisco de Assis e, com ele, podemos dizer de cada mulher e homem que autenticamente encontrou Jesus Cristo. Pois, se não reconhecermos o plano comum de amor do Pai por nós, não será suficiente sermos irmãos ou irmãs. Nem mesmo biologicamente. De fato, é um irmão de sangue que mata Abel. E o mata, porque o ódio fechou os olhos de Caim que, não vendo mais o amor do Pai, não reconhece nem mesmo seu irmão como tal. Para São Francisco, de fato, o amor a Deus-Pai cresce na medida em que cresce nosso amor ao irmão e à irmã em cujos rostos se encontram as características do Criador. Um amor que em Francisco de Assis se expande até abraçar todos os homens, todas as mulheres e todas as criaturas.

Inspirado na experiência de fraternidade de São Francisco de Assis, o Papa Francisco lançará, no próximo dia 3 de outubro, uma nova encíclica: “Fratres Omnes” (Todos Irmãos e Irmãs). O novo documento enfoca a fraternidade e amizade social. Com efeito, a sociedade moderna que, tantas vezes, se arroga ser esclarecida, avançada, aberta, democrática e defensora dos direitos individuais, na verdade, é cheia de egoísmos que erguem barreiras de todos os tipos, gerando exclusões manifestas ou sub-reptícias. Por isso, é muito oportuna a iniciativa do Papa Francisco de propor à Igreja e a todas as pessoas de boa vontade o luminoso caminho da fraternidade universal trilhado por Francisco de Assis.

À guisa de provocação, poderíamos dizer que, até agora, nós franciscanos e franciscanas, talvez, ainda não tenhamos entendido suficientemente o alcance do momento “*kairótico*” que vivemos com o pontificado do Papa Francisco. De fato, o modo propositivo de apresentar o Evangelho como alegria (Evangilii Gaudium); o apelo a uma “*Ecologia Integral*” como expressão da evangélica atitude samaritana do cuidado com as pessoas e todas as criaturas (Laudato Si’); e, agora, o enfoque na exigência da fraternidade universal derivante da comum paternidade de Deus-Pai como fundamento da amizade social e da convivência comum (Fratres Omnes) são todos tesouros da mais genuína tradição franciscana repropostos para renovar a ação evangelizadora da Igreja e como alternativa válida para todas as pessoas de boa vontade que anseiam por um mundo novo, com novas relações sociais e novo modo de se relacionar com a natureza. Não é “o rosto franciscano”, a nós bem familiar, que se delinea em tudo isso, do qual sempre estivemos à procura para caracterizar nossa ação pastoral e nossos apostolados em geral? Não deixemos o “*kairós*” passar em vão!

Frei Aloisio de Oliveira OFMConv.